

***Laudato Si'*: A Luz em nossa Universidade**

Laudato Si': The Light in our University

Carolina Oba de Mello Mazzini

carolina.om.mazzini@gmail.com

Aluna da graduação em Pedagogia.

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as questões socioambientais trazidas na carta encíclica *Laudato Si'*, publicada pelo papa Francisco, em 2015, e ela como está iluminando as discussões dos alunos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Palavras-chaves: ética; questões; socioambientais; meio ambiente; educação; Terra.

Abstract

This article aims to discuss the social and environmental issues brought in the encyclical letter *Laudato Si'*, published by Pope Francisco in 2015, and how it is illuminating the discussions of the students at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Keywords: ethics, social and environmental issues, environment, education, Earth

Introdução

Papa Francisco, o primeiro pontífice latino-americano e jesuíta da história, publicou, em junho de 2015, uma carta encíclica alertando sobre os riscos que o planeta Terra está correndo devido ao processo desenfreado de exploração dos recursos naturais causado pelo homem. Com isso, o papa nos convoca para refletirmos sobre essas ações irresponsáveis que estão degradando diariamente o meio ambiente em que vivemos e clama união para um bem comum a toda humanidade.

Essa carta é considerada um marco histórico, pois chama atenção de toda a comunidade cristã e não cristã do planeta. Assim, a Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro (PUC-Rio), que valoriza e dissemina esses valores, acolhe essas reflexões e discute com seus alunos, com o objetivo de conscientizar e propor ações diante desse cenário lamentável em que vive nosso planeta.

Segundo Siqueira (2016) “para resgatar este olhar ecológico sobre o mundo, o papa Francisco propõe, na *Laudato Si'*, uma reflexão sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua as dimensões humanas e sociais. Ou seja, uma ecologia ambiental, econômica, social, cultural e da vida cotidiana”. Assim trata-se de uma complexa crise socioambiental que também se configura como uma crise social, por isso devemos olhar cada vez mais a nossa sociedade.

O título da carta encíclica *Laudato Si'* significa “Louvado Seja” e foi inspirado no “Cântico das Criaturas” de autoria de São Francisco de Assis, que viveu no século XIII. Francisco de Assis era um homem que questionava os valores da sociedade e esse texto foi escrito quando ele já estava muito doente e enfraquecido, em 1225. O “Cântico das Criaturas” foi feito em reverência à Terra, um texto de louvação à natureza: louvado seja meu Senhor pelo irmão Sol, louvado seja meu Senhor pela irmã Água, louvado seja, meu Senhor pela Lua e Estrelas; assim, compara o planeta Terra a uma irmã, com quem devemos partilhar nossa existência, e a uma boa mãe, que nos acolhe em seus braços com todo amor. Dessa forma, séculos se passaram e ainda temos a chance de pensar e refletir: como estamos partilhando a nossa existência no Planeta Terra?

Seguindo a reflexão proposta na *Laudato Si'*, a PUC-Rio iniciou, em 2017, a disciplina “Ética Socioambiental e Direitos Humanos”. Tem a duração de um semestre e é destinada a todos os cursos da universidade, com o objetivo de promover debates acerca da crise ambiental que vivemos. Os debates tem por base a leitura da carta encíclica feita com os alunos. Nesse

curso, os alunos têm a oportunidade de olhar para o campus da universidade e sugerir mudanças a partir da perspectiva socioambiental, através de projetos em grupos interdisciplinares. As sugestões envolvem, por exemplo, medidas para diminuição do consumo de plástico, papel, água, luz, proteção da fauna e flora do campus, entre outros, para que, dessa forma, a universidade possa se tornar cada vez mais sustentável. Esse curso proporciona aos alunos a oportunidade de conhecerem a carta encíclica e refletir, em sala de aula, essa crise ambiental e social, iluminando a consciência para um bem comum.

As principais questões que estão na *Laudato Si'* e discutidas na disciplina Ética Socioambiental e Direitos Humanos são:

a) mudanças climáticas:

A respeito desse tópico, são abordados desafios e possíveis alternativas. Os desafios levantados na carta encíclica envolvem, o aquecimento do sistema climático; a elevação do nível do mar; o aumento de acontecimentos meteorológicos extremos; o uso intensivo de combustíveis fósseis – centro do sistema energético mundial. São apontadas alternativas, tais como: conscientizar as pessoas para a mudança no estilo de vida; diminuir a produção e consumo desenfreado; mudar forma de utilização do solo, evitando o desflorestamento para finalidade agrícola; implementar políticas para redução de emissão de anidrido carbônico e outros gases poluentes; substituir o combustível fóssil por fonte de energia renovável; investir em transportes que consomem menos energia; construir edifícios com melhor eficiência energética. Assim, problemas e soluções são trazidos na esperança de podermos fazer diferença.

b) a questão da água:

Um recurso indispensável para sobrevivência de diversas espécies, inclusive para o ser humano, esse recurso se tornou escasso, e o atual nível de consumo já ultrapassa os limites de exploração em nosso planeta, tanto em países ricos quanto pobres. As reservas de água doce, que são fonte de água potável e limpa, já estão sendo disputadas por grandes empresas, interessadas no controle desse recurso. Essa disputa pela privatização da água pode gerar um dos maiores conflitos deste século. Hoje, em diversos lugares, o litro de água já é mais caro do que o litro da gasolina. Diante desse panorama, surgem outros questionamentos: será que os conflitos no Oriente Médio são pelo petróleo ou por água potável?

O acesso à água deveria ser um direito de todos, uma vez que é condição de sobrevivência do ser humano no planeta Terra. Sua privatização seria negar o direito à vida.

c) perda da biodiversidade:

A perda da biodiversidade se desdobra em meio às formas imediatistas da atividade comercial e produtiva, em que a degradação das florestas e bosques implica a perda de espécies, que impactam até mesmo as pesquisas para a cura de diversas doenças. Outro impacto ocorre também no esquecimento dos valores que cada espécie tem em nosso planeta.

Mas não podemos pensar apenas nos benefícios da diversidade para espécie humana, temos que entender que também somos uma espécie como todas as outras e ainda há muito o que aprender com as plantas e animais que vivem dentro de suas particularidades coletivamente, em cooperação mútua, se respeitando para o equilíbrio de todo o planeta.

Assim, devemos repensar a visão antropocêntrica na relação homem x natureza. Segundo Possamai,

atualmente, ao mencionarmos o termo antropocentrismo, pensamos em correntes filosóficas que tomam como único paradigma as peculiaridades da espécie *Homo sapiens*. Assim, tudo o mais torna-se possuidor de valor relevante unicamente graças à existência humana. Disso advém a desvalorização de todas as outras espécies do planeta e a degradação ambiental, já que a natureza existe para ser controlada e utilizada por nós, seres humanos. O principal problema encontra-se no fato de como o ser humano encara o mundo e seu lugar nele – ele não é superior a nenhum outro ser vivo deste planeta, entretanto, sabemos que é a única espécie capaz de promover sensíveis alterações no equilíbrio do ambiente. Como consequência, devemos agir com mais responsabilidade em relação a tudo que for não humano. (2010)

d) homem x natureza:

Desde do século XIV, no Renascimento, impera o pressuposto que a humanidade, representada pela figura do ser humano, deveria ocupar o centro referencial de nossos pensamentos e ações. Isso ainda continua influenciando o pensamento atual. A revolução científica iniciada no século XVI separou homem e natureza, valorizando o método científico em detrimento dos conhecimentos que não utilizam essa metodologia. Depois, na Revolução Industrial, o tecnicismo é exaltado e o processo de degradação ambiental vai se acelerando cada vez mais, rios são poluídos pela indústria, doenças pulmonares são agravadas etc.

Só a partir das décadas de 1960, 70, “nasce” a ideia de desenvolvimento sustentável – ainda antropocêntrica, pois se pensava no desenvolvimento para satisfazer as necessidades da próxima geração. Será que hoje, no século XXI, já conseguimos superar essa ideia?

Segundo Cortez (2011): “a atividade definidora e determinadora de tal apropriação está diretamente ligada à organização de sua produção econômico-social, sendo o capitalismo, em busca de lucro fácil e rápido, um dos sistemas dos mais lapidantes da natureza”. No sistema capitalista, a extração de riquezas minerais, vegetais e animais é realizada sem haver uma

preocupação com sua renovação. Os elementos da natureza vão sendo destruídos segundo uma progressão geométrica de degradação.

Assim, o modelo econômico no qual estamos inseridos, principalmente no ocidente, leva aos interesses do capital em detrimento do tempo e capacidade da Terra em se regenerar. A Terra não está à disposição do homem para lhe servir da forma que ele acha que deve ser, o ser humano tem que ter a consciência que faz parte da Terra.

A respeito desse cenário econômico, a *Laudato Si'* afirma que “os poderes econômicos continuam a justificar o sistema atual, onde predomina uma especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente” (n.56).

e) paradigma tecnocrático:

A carta encíclica chama atenção quanto ao uso da tecnologia pela humanidade, como ela realmente assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento em detrimento de um paradigma homogêneo e unidimensional. Por um lado, afirma que a tecnologia foi positiva para melhorar a qualidade de vida, quando desenvolveu objetos de uso doméstico, meios de transporte, edifícios, pontes, espaços públicos etc., e, por outro lado, relembra as bombas atômicas lançadas no século XX; a exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo e por outros regimes totalitários e afirma que

tende-se a crer que toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de força vital, de plenitude de valores, como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia. A verdade é que o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. (LS n.105)

É necessário, também, lembrarmos que por trás dos investimentos para as pesquisas estão as grandes instituições com seus interesses econômicos. Se apenas a técnica for levada em consideração, corre-se o risco de esquecer os valores humanos, não podemos ser unilaterais, temos que ter consciência dos fins da tecnologia, insistindo em que seja um bem comum para todos.

A tecnologia tem que estar vinculada à tecnologia social, à educação, às políticas públicas, sempre no exercício de sair do individual e ir para coletivo.

O Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente - NIMA

Os debates acerca das questões socioambientais também estão presentes no Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente – NIMA, da PUC Rio, que foi fundado em 1999, pelo atual reitor da universidade, padre Josafá, com o objetivo de ser um espaço de discussões interdisciplinares sobre as questões socioambientais.

Seu compromisso assumido desde a sua fundação é com a ética ambiental, e assim atua para a transformação da cultura antropocêntrica, acreditando na possibilidade de criar novos cenários a partir da comunhão do ser humano com o ambiente. Sua missão é tornar a PUC-Rio referência nacional e internacional em meio ambiente, contribuindo através da ciência e da educação para o desenvolvimento sustentável, visando estabelecer a interação entre a Universidade e o meio, e entre sociedade e natureza. ([PUC-Rio](#), 2018)

Em 2009, a PUC-Rio criou a Agenda Ambiental:

documento inédito em uma universidade brasileira que reúne a visão de sustentabilidade de um grupo multidisciplinar de professores e alunos. Neste documento estão as diretrizes e metas, a curto, médio e longo prazo, para a sustentabilidade na Universidade, tanto em nível de gestão quanto de ensino e pesquisa. A iniciativa pioneira surgiu com a “Comissão de Sustentabilidade” criada depois da participação da PUC-Rio no Colóquio Global de Reitores que aconteceu em Nova York, por iniciativa do Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon. O plantio de 15 árvores no estacionamento do campus simbolizou o início das ações. A coordenação do projeto é feita pelo NIMA, e entre as propostas estão a troca de asfalto das ruas do estacionamento para facilitar a drenagem natural de água; uma tecnologia de filtragem que permite a reutilização dos recursos hídricos; a implantação de programas que integrem as fontes naturais de energia às alternativas como eólica e solar; o monitoramento detalhado dos gases produzidos nos laboratórios da Universidade; e a criação de um centro de reciclagem. ([PUC-Rio](#), 2018)

Em 2017, o NIMA organizou a XXIII Semana de Meio Ambiente na PUC-Rio, com diversas atividades de educação ambiental, como: Mutirão Agroflorestal, para revitalização dos canteiros da Vila dos Diretórios com apoio do coletivo Horta Nossa de alunos e ex-alunos; Oficina de Papel Reciclado, realizado pela Schöpf Papier, empresa de um ex-aluno de Design da universidade; Oficina de Compostagem de resíduos orgânicos, realizada pelo Ciclo Orgânico; palestra sobre Biomas e Espiritualidade, feita pelo reitor da universidade, Josafá Siqueira; apresentação dos resultados parciais da agenda socioambiental e workshop para discussão de metas e novos projetos para construção de uma nova agenda, com o objetivo de ser um instrumento de gestão para tornar a universidade mais sustentável. Os workshops

tiveram a participação de alunos, professores e funcionários da universidade. Os participantes, em grupos, discutiram e pensaram projetos para os seguintes temas: Água, Biodiversidade, Energia, Resíduos Sólidos, Espaços construídos e de convivência, Mobilidade, Educação, Saúde, Comunicação, Adaptação Climática e Resiliência e Tecnologia da Informação” definindo diretrizes para o acompanhamento da nova Agenda Socioambiental da PUC Rio.

O Reitor da PUC-Rio, Pe. Josafá, define essa agenda como um documento que:

não é apenas o resultado de um longo processo de discussões e propostas acadêmicas, mas, sobretudo, uma expressão simbólica de um esforço coletivo da instituição em buscar alternativas sustentáveis em curto, médio e longo prazos. A sua força simbólica é uma demonstração clara de que o testemunho local é fundamental para espelhar o desejo global de um planeta ecologicamente mais equilibrado e socialmente mais justo e solidário.

Os temas da Agenda Socioambiental também são encontrados na *Laudato Si'*. Em 2018, de 5 a 7 de junho, o tema da XXIV Semana do Meio Ambiente foi “A PUC-Rio e a *Laudato Si'*: o desenvolvimento prático da encíclica focada no cuidado com a nossa casa comum, o planeta Terra”. Ali aconteceram palestras e debates alinhados com a carta encíclica, atividades de educação ambiental e apresentação dos projetos da disciplina Ética Socioambiental e Direitos Humanos, realizados pelos alunos da universidade.

Além da Semana de Meio Ambiente, que é realizada todos os anos pelo NIMA, sempre com início no Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, foi realizada a 2ª Semana de Estudos Amazônicos – SEMEA: “A Floresta e os Povos tradicionais que nela vivem”, no mês de outubro de 2017. Esse encontro reuniu etnias indígenas para encorajar debates de cunho social, ambiental e político a respeito das questões amazônicas, a partir de perspectivas acadêmico-científicas, culturais, artísticas e lúdicas. Esse evento foi aberto com a palestra do padre Josafá, com o tema: “*Laudato Si'* e Amazônia”, que proporcionou reflexões sobre as questões socioambientais da carta encíclica e o Bioma Amazônia, que também abordou a importância da preservação da Amazônia, a maior reserva de diversidade biológica do mundo, com aproximadamente 2.500 espécies de árvores, 30 mil espécies de plantas, diversas etnias e mais de 134 línguas faladas. O encontro proporcionou debates com diversas etnias que estão mergulhadas diariamente na crise socioambiental e nada mais coerente do que dar voz ao povo da floresta. Nessa semana eles tiveram voz na universidade e a iluminaram com diversos temas:

“Resistência Awaete: um relato sobre os impactos socioambientais de Belo Monte e de outros grandes projetos na Amazônia”, por Timei Assurini (Marytykwawara Awaete);

“Gritos das comunidades indígenas em Manaus e seu entorno”, por Marcivana Paiva (Indígena Seteré Mawé);

“Mulheres indígenas, participação comunitária e familiar”, com Sonia Tossue (Indígena Chiquitana, Mato Grosso), Rosa Moçambique (Associação das Mulheres Indígenas de Porto Cordeirinho, Amazonas), Elizabeth Peres (Associação de Mulheres Artesãs Ticunas de Bom Caminho, Amazonas), Márcia Wayna Kambeba (Indígena Kambeba, Amazonas), Maria Querubina (Associação das Quebradeiras de Coco (Maranhão) e Marcivana Rodrigues Paiva (Indígena Seteré Mawé, Amazonas).

Foram realizadas Rodas de conversa: “Gestação, parto e saberes tradicionais”, com Rosa Ticuna (Associação de Mulheres Indígenas de Porto Cordeirinho, Amazonas), Elizabeth Ticuna (Associação de Mulheres Artesãs Ticunas de Bom Caminho, Amazonas) e Eliane Scheele (ESCTA - Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral); e sessões de contação de histórias, declamação de poemas e músicas, com Márcia Wayna Kambeba (Indígena Kambeba, Amazonas).

Os alunos, os professores, os funcionários e toda a comunidade tiveram a oportunidade de viver essa experiência durante essa Semana de Estudos Amazônicos e entender que só haverá Floresta Amazônica enquanto os povos indígenas que dela cuidam estiverem ali presentes.

O papa Francisco afirma na carta encíclica:

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção às causas que tem a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta. (LS n.33)

E, sobre os dias de hoje, analisa que

Muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se colocam como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar. Isto se deve, em parte, ao fato de que muitos profissionais, formadores de opinião, meios de comunicação e centros de poder estão localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com seus problemas. Essa falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação das nossas cidades, ajuda a cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas. Mas, hoje não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*. (LS n.49)

O NIMA realiza atividades de Educação Ambiental em parceria com escolas municipais e particulares, próximas à universidade, como a Escola Municipal Luiz Delfino e o Colégio Teresiano. Nessas escolas, é elaborado um roteiro usando a metodologia de sensibilização direta para o despertar de uma consciência ecológica, como por exemplo, a Jornada Ecológica. A jornada acontece desde 1998, as atividades são desenvolvidas pelos estagiários de Educação Ambiental do NIMA e pelo professor orientador, que levam as crianças para uma expedição dentro do campus da PUC Rio. O campus possui, aproximadamente, mais de 200 espécies da flora e uma fauna exuberante, como tucanos e outras aves, por ali passa o Rio Rainha, que nasce na bacia hidrográfica do Maciço da Tijuca e desemboca na praia do Leblon.

Por meio dessa atividade, os alunos entram em contato direto com a natureza e percebem a importância de compartilhar de forma harmônica a nossa existência no planeta Terra. Também conhecem a horta orgânica familiar, construída no telhado de uma casa dentro do campus. O manejo da horta pode ser feito pelos estudantes, estagiários e voluntários, e os alunos das escolas podem colocar a mão na terra, plantar, semear e regar.

Considerações Finais

Não conseguimos desvincular o homem da natureza, partilhamos a mesma existência com o planeta Terra. Quando tivermos a consciência que a crise ambiental parte do cenário socioeconômico, a Luz alcançará todas as esferas do nosso planeta. E assim a mudança de hábitos e costumes começarão a se direcionar para um bem comum.

As propostas da Educação Ambiental já possuem diretrizes para podermos compartilhar a nossa existência de forma harmônica como trazidas no "Cântico das Criaturas" por São Francisco de Assis e na carta encíclica *Laudato Si'* pelo papa Francisco.

Segundo Siqueira (2016),

como educadores, somos estimulados a repensar e reformular alguns dos valores que acompanham os nossos processo educativos, a saber: dar uma ênfase maior a uma educação menos consumista, onde o desperdício deve ser evitado, diminuindo os abismos existentes entre riqueza e pobreza; uma educação que possa combater a cultura do descarte, tanto de pessoas que são excluídas na sociedade, como dos recursos da terra que acabam se transformando em grandes lixões; uma educação que conscientize as pessoas sobre os efeitos e consequência climáticas, uma educação que promova a defesa da biodiversidade, uma educação que não permita que as pessoas sejam tratadas como objetos, uma educação aberta para um novo estilo de vida mais simples e menos consumista, uma educação que favoreça o dialogo inter-religioso, sobretudo num mundo onde a maioria das pessoas crê e professa as diferentes opções religiosas, uma educação que promova a cultura da paz, os direitos humanos, o respeito das diferenças e uma educação que

ajude na mudança e conversão dos contravalores que destroem o ser humano, robotizam a existência, criam isolamentos e vazios, devassam a natureza e acabam por não deixar um legado intergeracional justo e fraterno para aqueles que virão no futuro. O desafio está posto, cabendo a cada um de nós, que militamos e amamos a educação como a melhor solução para as grandes mudanças na sociedade, acreditar e apostar que sempre é possível transformar aquilo que é insustentável nesta casa comum onde habitamos. (p.55)

Assim, as questões socioambientais não estão do lado de fora, e sim dentro de cada um, que poderá fazer a mudança necessária. É uma questão ética, de se tornar cidadão, e a PUC-Rio, através de propostas de Educação Ambiental está promovendo ações que farão diferença em nosso planeta. Louvada seja a Luz em nossa universidade!

Referências Bibliográficas

CORTEZ, Ana Tereza Caceres. O Lugar do Homem na Natureza. *Revista do Departamento de Geografia – USP*. v.22, p.29-44, 2011,. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47218/50954> >. Acesso em: 15 abr 2018.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <http://www.nima.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=3>. Acesso em: 10 abr 2018.

POSSAMAI, Fábio Valenti. A posição do ser humano no mundo e a crise ambiental contemporânea. *Revista Redbioética/ UNESCO*, ano 1, v.1, n.1, p.189-202. 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org.uy/ci/fileadmin/shs/redbioetica/revista_1/Valenti.pdf>. Acesso em: 10 abr 2018.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Laudato Si': Um presente para o planeta*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.